

TRABALHO / Projeto atualiza a Lei de Imigração para facilitar a entrada de estrangeiros no país e alavancar a economia

Crescimento com a ajuda de fora

» ANTONIO TEMÓTEO
» HAMILTON FERRARI*

O presidente da República, Michel Miguel Elias Temer Lulia, é filho de libaneses que chegaram ao Brasil em 1925. O pai da ex-presidente Dilma Vana Rousseff era búlgaro e desembarcou no Brasil em 1930. Mas nem as origens dos dois chefes do Executivo mais recentes os sensibilizaram a modernizar o estatuto do estrangeiro. Uma proposta para alterar a lei vigente, de 1980, período da ditadura militar, foi aprovada na Câmara dos Deputados e precisa ser analisada pelo Senado Federal. Especialistas avaliam que alterar as normas para facilitar a entrada de imigrantes no país tem potencial para aumentar a produtividade do trabalho e alavancar a economia.

Dados da Polícia Federal (PF) indicam que o Brasil tem 932.645 estrangeiros registrados, de 229 nacionalidades, quantidade maior que a dos 193 países-membros da Organização das Nações Unidas (ONU). Entretanto, o número representa apenas 0,45% dos 206,9 milhões de brasileiros, nas projeções do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os bolivianos lideram o ranking. São 105,4 mil residentes no Brasil. Os norte-americanos estão em segundo lugar, com 65,2 mil. Os haitianos são a terceira maior população, com 60,5 mil pessoas, seguidos pelos argentinos, com 50,1 mil, pelos chineses, com 44,1 mil, e pelos portugueses, com 41,9 mil.

Em 1920, por exemplo, havia no Brasil 1,5 milhão de estrangeiros, ou 5,1% da população. Dados do economista Marcos Lisboa, presidente da escola de negócios Insper, indicam que a população de imigrantes de São Paulo encolheu de 13%, em 1950, para 1,5% em 2013. Conforme ele, 13% da população dos Estados Unidos é de outras nacionalidades. Com a proximidade do fim do bônus demográfico, quando o país tem maior número de pessoas em idade ativa, Lisboa defende que a abertura à imigração traria diversos benefícios ao país. A reforma do Estatuto do Estrangeiro seria o primeiro passo nesse sentido.

Benefícios

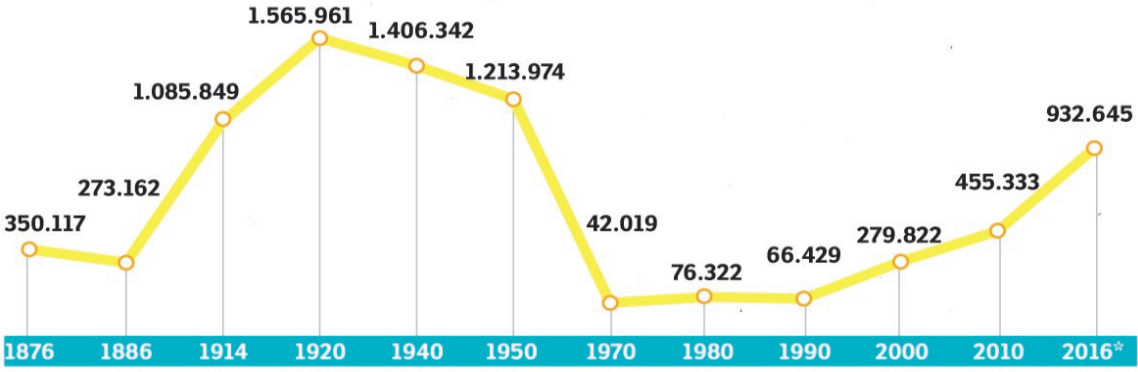
O texto em debate no Congresso é uma proposta do senador Aloysio Nunes Ferreira (PSDB-SP). Após aprovado na Casa, seguiu para a Câmara e recebeu um substitutivo do deputado Orlando Silva (PCdoB-SP). Silva explica que o estatuto deixa de primar pela segurança nacional e estende aos estrangeiros direitos antes restritos aos brasileiros.

O projeto define os direitos e os deveres dos imigrantes no Brasil e regula a entrada e a permanência de estrangeiros. Facilita a regularização dos que vivem e trabalham no Brasil, que hoje enfrentam enorme burocracia. Atualmente, a lei garante aos detidos nas fronteiras acesso a um defensor público e proíbe a deportação imediata pela Polícia Federal. Além disso, o texto em discussão torna definitivas ações

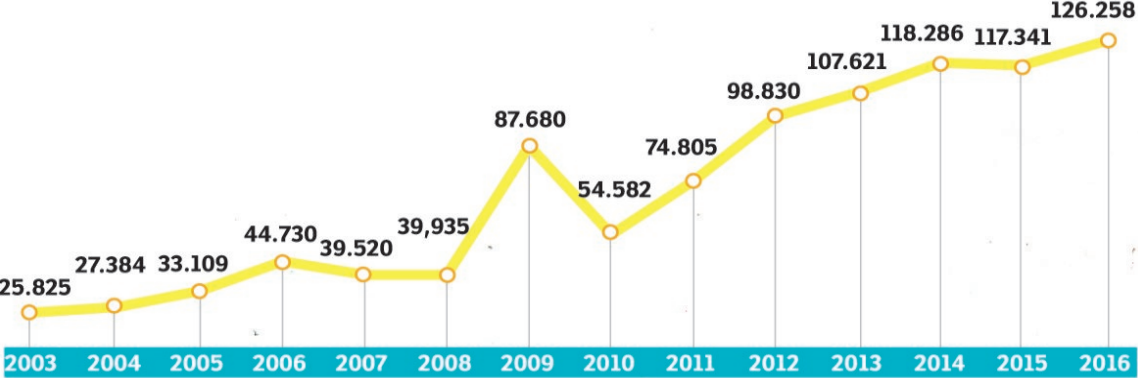
Prosperidade estrangeira

Confira a evolução do número de pessoas de outros países no Brasil

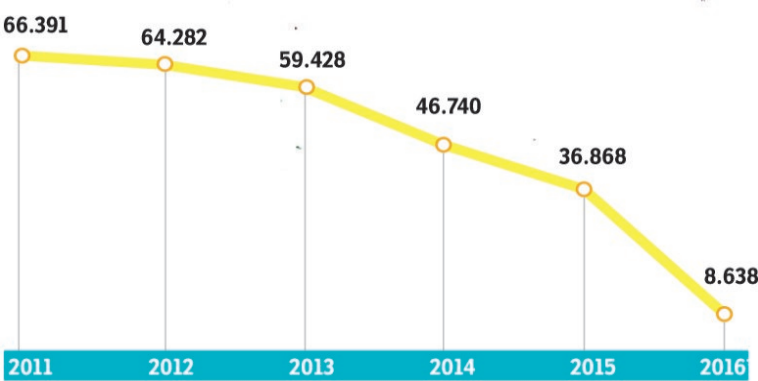
NÚMERO DE ESTRANGEIROS RESIDENTES NO BRASIL



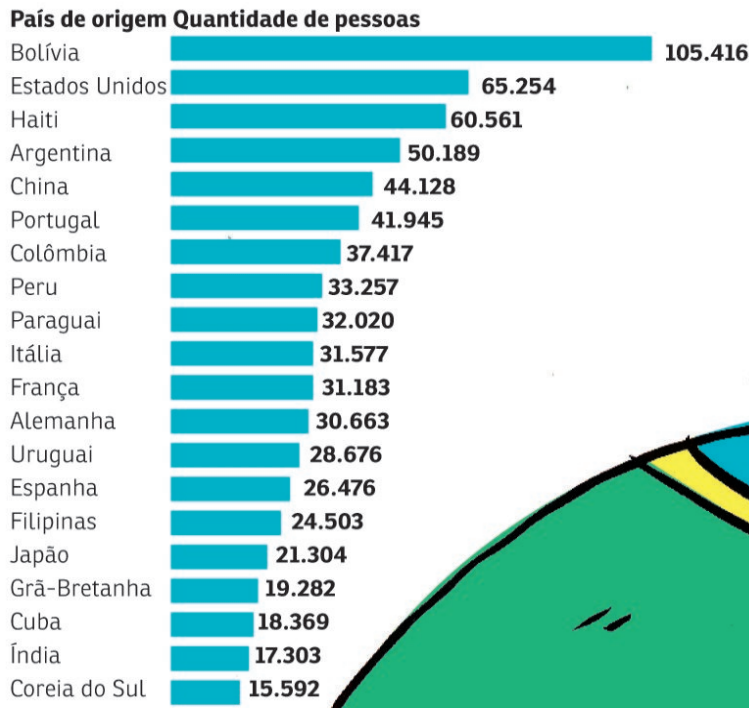
TOTAL ANUAL DE AUTORIZAÇÕES CONCEDIDAS PELA PF



AUTORIZAÇÕES ANUAIS DE TRABALHO CONCEDIDAS PELO MINISTÉRIO DO TRABALHO



AS 20 PRINCIPAIS NACIONALIDADES DOS IMIGRANTES



* Dados da Polícia Federal

** Até setembro

Fontes: IBGE, Polícia Federal e Ministério do Trabalho

provisórias do governo, como vistos humanitários, que até hoje só foram concedidos de forma extraordinária aos haitianos afetados pelo terremoto em 2010 e aos fugitivos da guerra da Síria.

A maior parte dos imigrantes que procuram emprego estão dispostos a correr mais riscos e tendem a ser mais jovens, explica o economista Rodrigo Zeidan, professor da Fundação Dom Cabral e

da Universidade de Nova York na China. Ele detalha que pessoas de outras nacionalidades contribuem para o crescimento de um país por meio do aumento da força de trabalho e dos ganhos de produtividade. Para ele, o país deveria receber sírios que fogem do Estado Islâmico e da guerra. “Ganharíamos uma massa de jovens mais produtivos que a população local. Essa é a grande dificuldade

da Europa, hoje, em receber ondas de imigrantes: diferentemente do Brasil, lá eles seriam menos produtivos, piorando a distribuição de renda”, comenta.

Segundo ele, a quantidade de pedidos de asilo quintuplicou nos últimos anos na Europa. Se o Brasil tomasse a iniciativa de acolher esses imigrantes, segundo Zeidan, poderia negociar um acordo no qual a Comunidade

Europeia e os Estados Unidos pagariam a conta para a instalação de algumas centenas de milhares de refugiados. Ele lembra que, para criar uma barreira à migração aos países europeus, a Turquia recebeu 6 bilhões de euros da Comunidade Europeia. “Com ajuda financeira dos países ricos, poderíamos oferecer um lar permanente aos refugiados”, sugere.

Zeidan explica que a chegada de imigrantes começou a diminuir no Brasil após a Segunda Guerra Mundial, durante as décadas de 1950 e 1960, a era de ouro para a Europa, Estados Unidos e Japão. “Com menos guerras e recuperação econômica, o

número de imigrantes naturalmente cai no Brasil. Os fluxos migratórios mudam do centro europeu para Ásia, por exemplo. E os asiáticos vão, em sua maioria, para países mais próximos, como Oriente Médio e Europa, e mesmo Estados Unidos.”

Para ele, o mais interessante é o distanciamento cultural dos latino-americanos. O economista ressalta que o crescimento brasileiro deveria ter atraído ondas de latino-americanos, mas isso não aconteceu. “Por vários motivos, inclusive culturais. Latino-americanos são menos móveis”, ressalta.



Parcela das pessoas residentes no Brasil que nasceram em outros países

De olho em oportunidades no mercado de trabalho, o engenheiro aeronáutico argentino Alberto Dei Castelli, 62 anos, migrou para o Brasil em dois momentos do mercado de trabalho. Na primeira vez, passou três anos na Embraer. Retornou à Argentina após receber uma oferta. Pesou na sua decisão o fato de a companhia brasileira ser uma estatal, à época. Ele voltou ao país em 2001, novamente para a Embraer, que havia sido privatizada.

O período no Brasil foi essencial para seu amadurecimento profissional. Na Embraer, lidera a área de anteprojetos, no setor de estrutura. Para Castelli, o Brasil deveria atrair mais estrangeiros para elevar o nível da mão de obra. “O estrangeiro se esforça muito para demonstrar serviço. Trabalhar aqui é uma beleza. O brasileiro é muito aberto. Vim com minha família e fomos sempre considerados de casa”, conta.

Além de trabalhar na fabricante de aeronaves, ele criou o próprio negócio. Fabrica e vende veículos que se movem sobre um colchão de ar, que podem ser usados na neve, na água e na terra. “Criei a empresa no Brasil em paralelo com os serviços à Embraer. Nela, 80% dos veículos são exportados e 20% vão para clientes do Brasil”.

*Estagiário sob supervisão de Odail Figueiredo

» Cinco perguntas para Rodrigo Zeidan,

PROFESSOR DA FUNDAÇÃO DOM CABRAL E DA UNIVERSIDADE DE NOVA YORK NA CHINA

Como a imigração pode ajudar um país a se desenvolver economicamente e socialmente?

Imigrantes aumentam o crescimento do país com o aumento da força de trabalho e de ganhos de produtividade, se forem mais produtivos que a população local. E é esse último ponto a base do meu artigo afirmando que sírios seriam bem-vindos. Ganharíamos uma massa de jovens mais produtivos. Ou seja, aumentaríamos o crescimento e a distribuição de renda. Essa é a grande dificuldade da Europa, hoje: diferentemente do Brasil, lá os imigrantes seriam menos produtivos, piorando a distribuição de renda. Além disso, os benefícios da imigração estão

ligados aos custos de absorção e integração na sociedade. No Brasil, esse custo é muito menor que na Europa, já que aqui quem quiser se integrar tem que aprender português. Rapidamente, viram todos brasileiros. Assim como os europeus, nossa pirâmide demográfica está começando a mudar, como se pode ver abaixo.

O Brasil, que já teve parte significativa da população formada por imigrantes, tem atualmente um percentual baixo de pessoas de outras nacionalidades. O que ocasionou a mudança?

A entrada de imigrantes começou a diminuir após a segunda guerra mundial. Vários fatores

explicam isso. O principal é o fato de que as décadas de 50 e 60 foram a era de ouro para Europa, Estados Unidos e Japão. Com menos guerras e recuperação econômica, o número de imigrantes naturalmente cai. Os fluxos migratórios mudam do centro europeu para Ásia, por exemplo. E os asiáticos vão para países mais próximos, como Oriente Médio e Europa, e mesmo Estados Unidos, que, pelo aumento de riqueza, se tornam o Eldorado, inclusive para brasileiros. O mais interessante é nosso distanciamento cultural dos latino-americanos. O crescimento brasileiro deveria ter atraído ondas deles, mas isso não aconteceu. Por vários motivos,

Twitter/Reprodução



inclusive culturais: latino-americanos são menos móveis.

O que o país precisa fazer para voltar a receber imigrantes?

Primeiro, temos que entender que seria bom para a sociedade. Somos xenofóbicos e não xenofóbicos, como a maior parte do mundo. Gostamos do estrangeiro, sejam pessoas ou produtos. Podemos e devemos negociar acordos para aumentar a receptividade ao Brasil, facilitando vistos, com programas de ajuda transacionais. Desburocratização, campanhas internacionais e acordos com outros países. Poderíamos conseguir recursos hoje usados para impedir a mobilidade para oferecer

uma saída permanente à crise de refugiados mundial.

Parcerias com outros países são um caminho?

Seria um excelente caminho. Receberíamos recursos que nos ajudariam a sair da crise, cresceríamos em prestígio no mundo, e teríamos mais facilidade de integrar do que os países europeus. É um imperativo moral, com benefícios econômicos.

Que benefícios o fortalecimento da imigração traria para o Brasil?

Maior e melhor força de trabalho, evolução de normas sociais, prestígio internacional. Um Brasil melhor e mais forte no futuro.